



## Um século de habitação social do Brasil: análise, referencial e relações de liberdade plástica do conjunto residencial marquês de São Vicente – RJ com a produção modernista latino-americana<sup>1</sup>.

*A century of social housing in Brazil: analysis, referencial and relationships of plastic freedom Marquis de São Vicente Residential - RJ with the Latin American modernist production*

Paulo Eduardo Borzani Gonçalves\* e Wendie Aparecida Piccinini Requena\*\*

\*Paulo Eduardo Gonçalves Borzani é coordenador da Especialização em Design de Interiores e docente dos cursos de Design e Arquitetura e Urbanismo da Universidade de Guarulhos. Graduado em Arquitetura e Urbanismo pelo Centro Universitário Belas Artes (1989), mestre em Arquitetura e Urbanismo pela Universidade São Judas Tadeu (2009) e doutorando em Arquitetura e Urbanismo pela Universidade Presbiteriana Mackenzie.

\*\*Wendie Aparecida Piccinini é professora do Curso de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de Guarulhos, onde coordena as atividades relativas aos Trabalhos Finais de Graduação. Possui graduação em Arquitetura e Urbanismo pela Faculdade de Arquitetura e Urbanismo Farias Brito (1978), mestrado (2006) e doutoranda em Arquitetura e Urbanismo pela Universidade Presbiteriana Mackenzie.

1. Artigo publicado no Seminário Internacional BRASIL-ARGENTINA-MÉXICO - 4o. Encontro de Estudos Comparados em Arquitetura e Urbanismo nas Américas – 2012.

### Resumo:

A partir de um estudo de levantamento gráfico, iconográfico e textual focado na qualidade do partido arquitetônico adotado e desenvolvido por um dos principais ícones da produção habitacional de cunho social e popular no Brasil pretende-se traçar um panorama da evolução desta tipologia no decorrer do processo histórico e sua inter-relação com seus pares latino-americanos. Este estudo tem como ponto de partida a análise de material documental referente ao surgimento das Vilas Operárias, implantadas no final do século XIX principalmente no Rio de Janeiro, consideradas precursoras dos conjuntos habitacionais, acompanha e analisa ainda as transformações decorrentes do processo histórico, político e social das décadas subsequentes, culminando com a produção modernista. O objetivo foi detectar e classificar os princípios e características dos objetos estudados, a fim de extrair o que de melhor houver em cada um deles, dentro do panorama das técnicas construtivas disponíveis, além de identificar conceitos e realidades político-administrativas de cada período, reunindo material de registro histórico que descreve as práticas da produção arquitetônica e suas

relações com as experiências implantadas por arquitetos na América Latina em épocas correlatas. A análise pormenorizada do material coletado sobre a realidade das condições de projeto e construção do Conjunto Residencial Marquês de São Vicente entre 1952 e 1954 no Rio de Janeiro, como edificação representante da liberdade plástica do Modernismo brasileiro e um gigante da habitação social no país, nos permite compreender as relações existentes entre as condições político-sociais desse momento e as possibilidades de inovação projetual adotadas pelo arquiteto Affonso Eduardo Reidy, bem como determinar as soluções construtivas e o partido arquitetônico, definidos no contexto de sua implantação no bairro da Gávea. Também se investiga o processo de circulação das ideias referentes à liberdade expressiva de Reidy e sua influência na produção dessa tipologia habitacional junto aos arquitetos latino-americanos.

**Palavras-chave:** habitação social, modernismo, transformação urbana.

**Abstract:**

From a survey of a graphic documentation, iconographic and textual, focused in the quality of an architectural party, relating to the types established, adopted and developed by the major icons of housing production (social and popular) in Brazil, it intends to give an overview of the historical process evolution its interrelation with their Latin American peers. The first point of this analysis is the development of housing for workers, established in the late nineteenth century mainly in Rio de Janeiro, considered precursors of the housing groups, also monitoring and analyzing the changes deriving from the historical, political and social process from the subsequent decades, culminating with the modernist production. The aim was to detect and classify the principles and characteristics of the objects studied in order to extract the best of what there is in each case within the panorama of the construction techniques available, and identify concepts and political and administrative realities of each period, bringing material of historical record

that describes the practices of architectural production and its relations with the experiences implemented by architects in Latin America in the times related. A detailed analysis of the collected material about the project and construction conditions of residential group “Marquês de São Vicente” between 1952 and 1954 in Rio de Janeiro, such as the building representative of the freedom of Brazilian modernism and a giant of social housing in the country, that allows us to understand the relationship between the political and social conditions from this moment and the possibilities of projectual innovation adopted by an architect called Affonso Eduardo Reidy, also determining the architectural design in the implementation of “Gávea” district. It also investigates the process of ideas circulation relating to his expressive freedom and his influence in the housing production typology with the Latin American architects.

**Keyword:** social housing, modernism, urban transformation.

## Introdução

**E**ste artigo pretende estabelecer o caminho das transformações ocorridas em uma das principais tipologias de moradias populares, os conjuntos habitacionais e suas origens históricas, sociais e políticas. Surgidos no Brasil com características particularmente específicas, entretanto diretamente correlacionados às condições de desenvolvimento urbano das principais capitais Latino Americanas, oriundos do aprimoramento de um modelo surgido da união das carências de uma população operária recém-surgida, com o desenvolvimento e aprimoramento industrial e de um modelo pautado na garantia da produção aliada ao idealismo de industriais, principalmente os donos de fábricas de tecidos, no caso específico do Brasil. Foi a partir dessa união de condicionantes que foram construídas no final do século XIX as vilas operárias de fábricas consideradas uma das tipologias precursoras dos conjuntos habitacionais no país.

Em decorrência da ligação existente entre a construção dos conjuntos residenciais populares e a garantia de preservação e desenvolvimento da mão de obra para a manutenção da produção emergente no início do século XX surgiu o interesse do Estado, depois de muita pressão dos movimentos: operário e anarquista, em produzir habitação coletiva em maior escala, viabilizada através da criação de um instrumental legislativo, que culminou na regulamentação dos Institutos de Aposentadoria e Pensão – IAPs e posteriormente da Fundação da Casa Popular - FCP, legítimos precursores dos meios gestores do processo de implantação de grandes empreendimentos destinados a suprir as demandas por moradia popular e acessível à classe trabalhadora assalariada com a intenção de reafirmar o caráter populista do regime político, da Era Vargas, instalado no poder, como analisou Gomes (2009).

Esse clima modernizador estava penetrado por um nacionalismo econômico compartilhado de forma heterodoxa por regimes estatistas e liberais, democráticos e ditatoriais. Aí podiam ser incluídos desde os governos populistas de Lázaro Cárdenas no México (1934-40), Juan Domingo Perón na Argentina (1946-55) e Getúlio Vargas no Brasil (1934-45, 1950-54), até as ditaduras progressistas, mas brutais, de Fulgencio Batista em Cuba (1940-44, 1952-59) e Marcos Pérez Jiménez na Venezuela (1952-58). A agenda comum desenvolvimentista havia sido apoiada, desde 1948, pela criação de agências internacionais, como a Organização dos Estados Americanos (OEA) e a Comissão Econômica para a América Latina (CEPAL), patrocinadas pelas Nações Unidas e os crescentes interesses estadunidenses na exploração primária e industrial da região. (GOMES, 2009, p. 232)

Nesse período são construídos grandes conjuntos habitacionais, sob a administração dos IAPs em vários estados da federação. São Paulo e Rio de Janeiro abrigaram o maior número de edificações. Com uma atuação de impacto a produção dos IAPs provocou uma transformação no panorama da oferta de habitação popular no país, vale ressaltar que apenas o IAPI, Instituto de Aposentadorias e Pensões dos Industriários (Quadro 01) construiu quase 5000 unidades habitacionais para classe média somente no período compreendido entre sua criação e o ano de 1945,

promovidas por incorporadoras imobiliárias, 90% das quais no Rio de Janeiro, onde viabilizou a construção de 618 edifícios de apartamentos (BONDUKI, 2004).

Quadro 01: Distribuição da construção de unidades residenciais por período e por Institutos

INSTITUTOS	UNIDADES PRODUZIDAS NOS PERÍODOS			
	1937 à 1945	1946 à 1950	1951 à 1964	Total
IAPB	98	2.325	2.679	5.120
IAPC	201	1.199	1.579	2.979
IAPETEC – IAPE	1.178	998	897	3.073
IAPFESP	-	-	742	742
IAPI	4.749	12.976	1.427	19.152
IAPM	-	824	58	882
IPASE	400	1.348	4.047	5.795
TOTAL IAPs	6.626	19.670	11.429	37.725
FCP	-	8.265	9.817	18.082
TOTAL GERAL				55.807

TABULAÇÃO DOS AUTORES

Fonte: BONDUKI, 2004.

A produção desse período deve ser analisada levando-se em conta todo o conjunto da obra realizada pela arquitetura nacional, que nesse momento histórico prestava serviços ao Estado através dos instrumentos administrativos que o poder público mantinha. Sobre essa situação destacamos a análise de Koury; Bonduki; Manoel (2003) que quantifica essa produção.

A magnitude da ação dessas instituições revela-se no fato de que apenas os Institutos de Aposentadoria e Pensão – IAP's e a Fundação da Casa Popular - FCP financiaram ou cons-

truíram mais de 140.000 unidades habitacionais, sendo que os dois órgãos implantaram, respectivamente, cerca de 279 e 143 conjuntos habitacionais em todo o país. Por outro lado, no período estudado foram criados, ao que até agora foi possível resgatar, nada menos que dezessete órgãos estaduais ou municipais encarregados de enfrentar o problema da moradia, sendo que o Departamento de Habitação Popular da Prefeitura do Distrito Federal foi do ponto de vista da arquitetura, o mais importante, por contar com profissionais como a eng. Carmen Portinho, que foi sua diretora, e dos arq. Affonso Eduardo Reidy e Francisco Bolonha, que projetaram os conjuntos habitacionais (KOURY; BONDUKI; MANOEL, 2003).

O conjunto produzido apresenta projetos que adquiriram destaque dentro do panorama da produção arquitetônica das primeiras décadas do século XX no Brasil, contando com o trabalho de arquitetos reconhecidamente atuantes no processo de constituição da arquitetura moderna brasileira. Em sua grande maioria, adotavam na prática os princípios modernistas que preconizavam doutrinas para melhoria da qualidade de vida nas habitações através da implantação dos princípios difundidos internacionalmente após a criação dos Congressos Internacionais de Arquitetura Moderna - CIAMs em 1928.

Destaca-se o conteúdo da Carta de Atenas, resultado do Quarto CIAM, realizado em Atenas, na Grécia, no ano de 1933, o qual estabeleceu

detalhadamente conceitos e princípios a serem aplicados com a intenção de fornecer soluções a serem adotadas em qualquer parte do mundo com a clara determinação de internacionalização da arquitetura e do urbanismo voltados a atender as necessidades de uma população proveniente da nova realidade política, social e tecnológica estabelecida pelo fenômeno da industrialização, através da organização dos espaços urbanos em categorias funcionais, destinadas à habitação, lazer, trabalho, circulação e patrimônio histórico (GONÇALVES; REQUENA, 2011).

### **O surgimento das Vilas Operárias cariocas e no bairro da Gávea**

Não se pode pensar no desenvolvimento do processo de urbanização da cidade do Rio de Janeiro sem levar em conta a importância de dois fatores que o influenciaram diretamente, primeiro sua conformação topográfica e geográfica e, na sequência, a transferência da Corte vinda de Salvador em 1808, que trouxe consigo, a abertura dos portos possibilitando a imigração de estrangeiros para o Brasil, os quais se somaram a população local na necessidade de unidades para habitar. Nesse período, a conformação espacial da região era marcada pela divisão em chácaras, das principais áreas secas, nas quais se explorava ainda as monoculturas agrícolas. A ocupação, que até esse momento se estendia apenas entre os morros do Castelo, de São Bento, de Santo Antônio e da Conceição, passa a buscar áreas de brejos

dessecados, mangues e outras regiões alagadas, entretanto a ocupação efetiva de outras áreas só foi possível com a expansão e modernização do sistema de transporte.



Figura 01: Bonde da linha Largo do Machado - Gávea. Fonte: Museu da Imagem e do Som, Fotografia Augusto Malta, 1920.

O período de transição entre o processo manufatureiro de produção e a instalação dos edifícios fabris deve-se, no caso particular do Rio de Janeiro, a dois fatores, sendo o primeiro determinado pela proximidade entre as fontes de matérias primas e os mercados consumidores, representados não só pelas características de cidade portuária, mas também por ser o maior centro financeiro do país e a segunda determinada pela degradação das áreas produtoras de café, que passam a ser oferecidas ao mercado imobiliário com preços baixos

e também, libera para a indústria, a mão de obra que não emprega mais. O acréscimo de contingente à força de trabalho disponível e, ao mesmo tempo, o incremento do mercado consumidor representam a base para a industrialização carioca.

A progressiva valorização das terras ocupadas durante o período de instalação das indústrias acabou por justificar a implantação da infraestrutura urbana, indispensável ao desenvolvimento da cidade, que incorporou maiores distâncias ao seu território e possibilitou que essas iniciativas passassem a ser financiadas pelo capital estrangeiro.

A ocupação residencial do bairro da Gávea contava, inicialmente, com o empreendedorismo dos fidalgos, que desejam morar longe da aglomeração do centro, porém com a garantia de se deslocar até ele no máximo em uma hora, tempo exigido para que os bondes movidos à tração animal percorressem o trajeto do final do bairro ao Largo do Machado. Com o final do Império a aristocracia se transfere para outros bairros e a Gávea foi incorporada pela industrialização pujante na capital.

A partir de 1865 novas linhas de bonde são criadas e a Botanical Garden Railroad passa a interligar o Largo do Machado ao Jardim Botânico, Gávea e por fim Copacabana, tendo início a exploração das terras da zona sul carioca como relataram Lima; Maleque (2007).

A partir de 1865 a Gávea passou a ser servida por transportes coletivos, primeiramente com os bondes à tração animal da Botanical Garden Railroad Company (posteriormente Companhia Ferro Carril do Jardim Botânico), cuja linha inicial ia inicialmente até o portão do Jardim Botânico, e, a partir de 1871, permitia a ligação do centro da cidade ao Largo das Três Vendas, num percurso de 13 km. Em 1883, esse percurso estendeu-se até o alto da Rua da Bela Vista do Jardim Botânico. O bonde elétrico, movido pelos acumuladores Julien, foi implantado em 1887, estimulando a ocupação da Freguesia da Lagoa pelas classes mais abastadas [...]. (LIMA; MALEQUE, 2007. p.107)

Nessa região também se instalam as primeiras indústrias que demandavam grandes terrenos e algumas delas, principalmente as de tecidos, prescindiam da existência de cursos d'água junto de suas instalações (STANCHI, 2008). Foi no início do século XX, que as primeiras fábricas, de tecidos e de produtos farmacêuticos principalmente, foram construídas no bairro da Gávea e anexo a elas são instaladas comunidades operárias, que em sua maioria traziam no seu programa básico de equipamentos urbanos, igrejas, escolas, clubes e postos médicos. Ainda segundo informações fornecidas por Lima; Maleque (2007), o Censo realizado em 1906 registrava uma população de 12.570 habitantes concentrada no distrito da Gávea, que abrangia na época os bairros de Ipanema,

Jardim Botânico, Fonte da Saúde e estendendo-se até a Barra da Tijuca, revelando um crescimento considerável se a compararmos aos números do Censo de 1890 que contava apenas 4.712 habitantes na mesma região.

Na virada para o XX, a cidade do Rio de Janeiro já possuía um significativo número de fábricas com vilas operárias anexas ou próximas de seus edifícios. Dentro desse panorama de desenvolvimento industrial novecentista, os bairros situados ao extremo da zona sul do Rio viram surgir, também, seus polos comerciais e de atuação dos prestadores de serviços, fato este que foi encarado pelo mercado imobiliário como mola propulsora para a valorização dessas terras, a qual surge associada à expansão das linhas de transporte coletivo, resultante de acordo firmado entre as empresas imobiliárias e a empresa de carris Botanical Garden. Tal situação persiste por cerca de três décadas e a partir de 1930, com o incremento da produção arquitetônica modernista brasileira, impulsionada pela difusão da tecnologia dos processos de utilização do concreto armado, teve início o primeiro processo de desativação fabril nos bairros mais afastados do centro dando início ao processo de verticalização radical das áreas residenciais na cidade do Rio de Janeiro. Esse fenômeno repete-se simultaneamente nos bairros da Glória, Flamengo, Copacabana, Gávea e Leblon, que até meados da década de 1960 eram o final da cidade nessa direção.

Dentre as diversas indústrias instaladas no bairro, a Companhia de Fiação e Tecidos São Félix, também conhecida popularmente como Fábrica de malhas São Félix, Fábrica da Gávea ou Cotonifício Gávea oferecia habitação a seus operários e esta vila operária situada à Rua Marquês de São Vicente, encontra-se, ainda hoje, parcialmente preservada na área da PUC-RJ, denominada hoje de Vila dos Diretórios. O modelo adotado foi o mesmo de outras vilas operárias do Rio de Janeiro: pequenas casas padronizadas sendo, uma delas mais imponente e localizada na entrada, geralmente ocupada pelo gerente da fábrica. Havia uma hierarquia na ocupação que possibilitava o controle dos subordinados pelo chefe.



Figuras 02 e 03: Vistas da Vila dos Diretórios PUC-RJ (Antiga Vila Operária São Félix - Gávea) – 1964. Fonte: <http://www.ccpq.puc-rio.br/70anos/tempo-no-espaco/lugares-memoria/vila-dos-diretorios>

Na década de 1950 o bairro da Gávea foi palco de importantes transformações como a construção do Conjunto Residencial Marquês de São Vicente inaugurado em 1952, revelando a grandiosidade do projeto do arquiteto Affonso Eduardo Reidy e posteriormente a construção do campus Rio de Janeiro da Pontifícia Universidade Católica em

1955, ocupando uma área de 100.000 metros quadrados junto à Avenida Marquês de São Vicente, sem falar nas transformações ocorridas no sistema viário local, que viu suas calmas ruas residenciais passarem a importantes corredores de interligação entre áreas estratégicas da cidade.

### **Tipologia modernista para habitação coletiva – soluções brasileiras**

A emergência do movimento moderno firmado nas primeiras décadas do século XX deu origem a experiências marcantes, tanto em relação às moradias populares como nas tipologias verticais.

As ideias modernistas difundiram a otimização dos métodos construtivos e novas tecnologias foram incorporadas aos processos visando principalmente a construção de moradias em larga escala. As unidades residenciais foram uniformizadas e o traçado urbanístico racionalizado.

Dentro desta lógica conceitual, uma proposta moderna bastante difundida foi a das “Unite d’Habitation” de Le Corbusier, inicialmente com La Unite d’habitation de Marseille, 1947/52. Nesta proposta, o arquiteto pela primeira vez teve liberdade total para expressar suas concepções sobre o habitat moderno, apresentando a possibilidade de solucionar num mesmo bloco problemas como, a determinação de diferentes moradias que correspondessem a formas distintas de morar, ou seja, que atendessem às necessidades



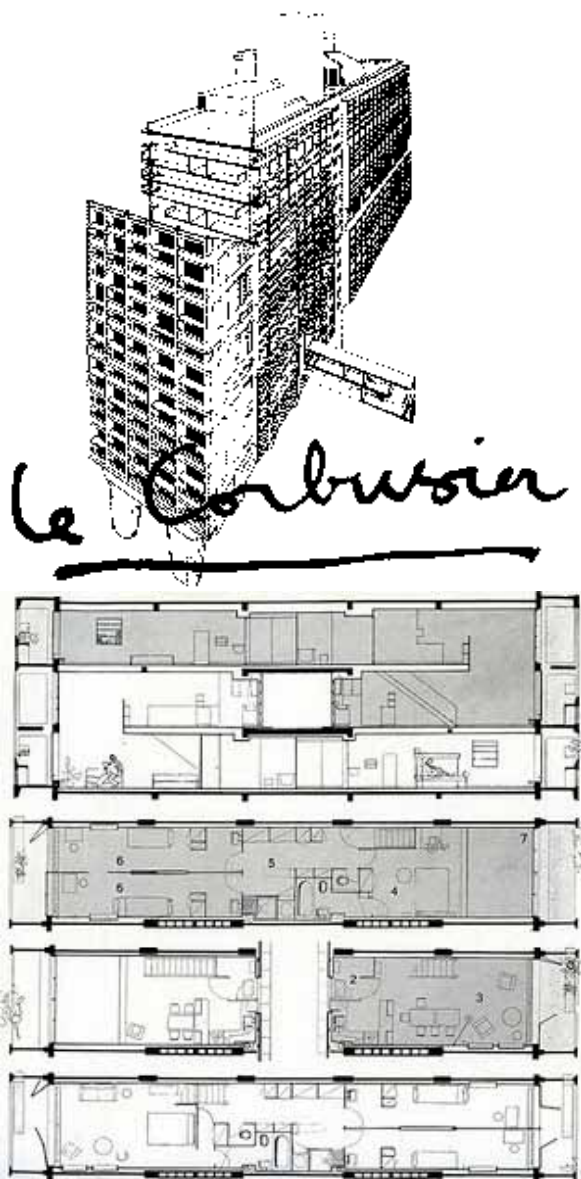


Figura 04: Unité d'habitation à Grandeur Conforme in Marseille (1945-1952). Fonte: <http://lava.ds.arch.tue.nl/lava/people/art/corbu/>

de solteiros e de famílias com ou sem filhos. Utilizou pré-moldado, observou questões de iluminação e insolação, possibilidades de ampliação da unidade e a instalação de serviços comunitários. (GALESÍ; CAMPOS NETO, 2002).

Mais duas Unité d'habitation são construídas beneficiadas pela experiência de Marseille, a Unité d'habitation de Nantes-Reze, 1952/53, e a Unité d'habitation de Berlin, semelhantes em seus princípios e diferentes em alguns aspectos executivos e de interpretação estética.

Nestes modelos são identificados os aspectos do movimento moderno tais como, teto jardim, pilotis e as ruas internas integrando no mesmo edifício habitações e equipamentos comunitários que foram amplamente difundidos inclusive pelos CIAMs. Este edifício habitacional foi concebido como unidade urbana, composto por moradias funcionais de qualidade, servidas por equipamentos e serviços incluindo áreas de lazer comunitárias, o que viria a alterar as relações vigentes entre os espaços públicos e privados.



Figura 05. Unité d'habitation, Nantes - Rezé, France, 1950-1955. Fonte: [http://en.wikiarquitectura.com/index.php/Unit%C3%A9\\_d'habitation\\_of\\_Nantes-ez%C3%A9](http://en.wikiarquitectura.com/index.php/Unit%C3%A9_d'habitation_of_Nantes-ez%C3%A9)



Figura 06: Unité d'habitation de Berlim, Alemanha, 1957. Fonte: <http://www.cambridge2000.com/gallery/html/P31211921e.html>

Deste modo, observa-se que neste período habitar um apartamento transformou-se em estar interligado a um conjunto de funções coletivas tornando a arquitetura inseparável do urbanismo. Embora o modelo “Unité d'habitation” não tenha se desenvolvido como solução no setor de habitação popular do ponto de vista conceitual é considerável a influência de Corbusier, se destacando em diferentes contextos, às vezes de forma pura, outras adaptadas ou deturpadas.

As aspirações de Corbusier encontrariam eco no Brasil, cujo governo encontrava-se engajado em firmar a identidade nacional. A nova arquitetura, preconizada por Corbusier, ancorou em terras cariocas, passando a fazer parte da paisagem da cidade e permitindo a busca por soluções de conjuntos destinados à habitação. A influência direta dos princípios e conceitos deste movimento é restrita a um determinado período e se representada na obra de alguns arquitetos bra-

sileiros notáveis, dentre eles Reidy, responsável pelos conjuntos residenciais de Presidente Mendes de Moraes, o Pedregulho (1948) e mais tarde o Conjunto Residencial Marquês de São Vicente, no bairro operário da Gávea (1954), o qual constitui um dos objetos fundamentais deste estudo, e que obtiveram maior evidência na história da arquitetura popular brasileira e internacional, o que na verdade representa o auge de um destacado ciclo de projetos de muita qualidade conceitual.

No Brasil estava, então, criada a atmosfera propícia à implantação do projeto social idealizado por Carmen Portinho (1906-2001) e Affonso Eduardo Reidy. A vontade de construir um empreendimento de vulto, que voltasse os olhos do mundo para o potencial da arquitetura que estava se desenvolvendo no Brasil; legitimar esta arquitetura com a bandeira do atendimento social; e ainda ter um Governo preocupado em marcar a identidade nacional através das artes, principalmente a arquitetura, foram fatores que possibilitaram a execução do Conjunto Residencial Prefeito Mendes de Moraes (SILVA, 2006, p.24).

Reidy utiliza em suas obras a potencialidade plástica da construção em concreto armado, utilizando a linguagem arquitetônica sistematizada por Le Corbusier. Defende também a espacialidade como característica da arquitetura e reafirma a necessidade de conciliação entre utilidade e beleza plástica no projeto arquitetônico. O arquiteto faz parte do processo histórico da mo-

dernidade arquitetônica onde à conceituação e a fenomenização do espaço se desenvolveram em sincronia. (CONDURO, 2005).

É interessante observar que, em seus primeiros projetos, como o Albergue da Boa Vontade (1931) o arquiteto configura espaços na sua maioria ortogonais, delimitados com exceções esboçadas com formas puras como trapézios ou círculos. Na sequência destes projetos as composições se tornam mais soltas e assimétricas desenvolvendo sua espacialidade nas áreas circundantes, onde se principia uma articulação dos elementos que organizam os planos e volumes. Há uma clareza na contraposição dos elementos de sustentação e a restrição espacial, onde, o sistema estrutural é evidenciado e proposto como resultado plástico. Neste período pode-se destacar inicialmente o bloco da escola e do ginásio do conjunto residencial do Pedregulho (1947), onde Reidy parte de plantas utilizando ângulos retos concluindo com volumes e espaços curvos e oblíquos (CONDURU, 2005).



Figura 07: Conjunto Residencial do Pedregulho (Bloco da Escola e do Ginásio). Fonte: Andrés Oteroh, disponível em: <http://www.vitruvius.com.br/revistas/read/drops/12.045/3779>

Neste contexto e numa sequência cronológica da sua produção arquitetônica observa-se ainda uma negação da ortogonalidade, às vezes articulada aos elementos de sustentação localizados afastados da fachada e em outras estes elementos definem uma extensão interior onde se desenvolvem diferentes espaços, ou seja, nas situações em que posicionou o sistema estrutural recuado as soluções plásticas avançam no espaço tendendo a se afastar dos centros, já quando as vedações ou fechamentos espaciais recuam para serem contidos pela delimitação estrutural a solução plástica predominantemente se aproxima do centro. Esta dinâmica evidencia a ênfase dada pelo arquiteto ao sistema estrutural na configuração volumétrica relevando as formas puras e simples.

Segundo Conduro (2005), em síntese, o arquiteto partiu da dominância ortogonal, experimentou construir tanto com planos curvos e oblíquos quanto volumes cilíndricos e trapezoidais, inicialmente de forma discreta e depois mais intensamente, partindo assim de um início purista, chegou a soluções mais complexas sempre equilibradas e contidas, para mais tarde, retornar ao purismo. Sua obra privilegia a forma do objeto, considerando-se uma configuração espacial muitas vezes residual e o espaço como tendo uma importância crescente em sua pesquisa.

A plasticidade de Reidy não é predominantemente curvilínea nem ortogonal, o arquiteto entendia que toda a forma precisava ser justificada e ra-

cionalizada; tornando a curva por vezes tão mais pertinente, lógica e racional que a própria reta.

Determinante do partido adotado para os projetos de Reidy, a espacialidade do Rio de Janeiro, especificamente no que diz respeito à implantação dos conjuntos “Pedregulho e Gávea”. É o gesto do arquiteto que transforma montanhas quase anóquinas em parceiras com um jogo plástico intenso, no entanto a liberdade de suas formas remete a beleza da intimidade da paisagem carioca, observada por Richard Serra<sup>2</sup> em sua estada no Rio de Janeiro em 1997, quando se refere ao edifício em curva sobre o túnel. (CONDURO, 2005)



Figuras 08. Croquis de implantação do conjunto Pedregulho  
Fonte: BONDUKI, 1999.

“Gosto do edifício porque reflete a sinuosidade da estrutura curvilínea do rio de Janeiro”. (CONDURO, 2005, p.24)

Na representação plástica de toda a sua obra, Reidy não evidencia qualquer tentativa de referência à cultura local ou a naturalidade, o arquiteto adere decididamente ao racionalismo do movimento moderno, o qual, ainda hoje independente da condição do estado das obras, em geral alteradas e em péssimas condições de conservação, documentam as características de uma proposta e dentro de suas limitações, de uma reflexão crítica sobre a capacidade de adaptação da sociedade aos processos de transformação social e reeducação de hábitos através de uma determinada configuração do espaço. (GONÇALVES; REQUENA, 2011, p.13)

### O Conjunto Residencial Marquês de São Vicente – Gávea – RJ

Construído na cidade do Rio de Janeiro, a partir de um projeto do Departamento de Habitação Popular da Prefeitura do Distrito Federal idealizado pelo arquiteto A. E. Reidy e apoiado pela engenheira Carmem Portinho, executado entre 1952 e 1954 no qual reutilizou a solução curvilínea adotada também no Pedregulho, no entanto com maior preocupação em limitar custos de obra e outros aspectos econômicos. Dentro do conceito urbanístico de unidade de vizinhança o projeto do Marquês de São Vicente contava com 748 apartamentos apresentava equipamentos voltados ao consumo de bens e de serviços urbanos, ou seja, jardim da infância, escola primária, playgrounds, mercado, lavanderia, posto de saúde, igreja, auditório ao ar livre, campos de jogos,

2.SERRA, R. Palestra de Richard Serra. In: – Rio Rounds, Rio de Janeiro: Centro de Arte Hélio Oiticica, Palestra proferida em: 03/12/1997.



Figura 09: Túnel Dois Irmãos. Fonte: <http://arquitecturb.tumblr.com/post/5485797216/acidadebranca-conjunto-residencial-marques-de>

administração e serviço social. O conjunto habitacional foi implantado sobre uma encosta paralelo as curvas de nível, acompanhando a sinuosidade do terreno, elevado sobre pilotis e com pavimento intermediário aberto e de uso comum aos moradores com destaque construtivo para os pilares em “V”, que alternados com as colunas permitiu um equilíbrio da composição. Neste contexto as lavanderias comunitárias situam-se no último piso que apresenta marquises vazadas criando o coroamento do prédio, espaço este que se encontra desativado e destinado ao simples depósito de materiais em desuso. A fachada, consequência de cheios e vazios contrasta propositalmente com a superposição de janelas na parte superior. (ANDRADE, 2007)

O arquiteto soube explorar ao máximo as condições topográficas e colocar um motivo central de indiscutível elegância, com sua ponte em arco rebaixado abarcado o fundo da depressão existente para servir de apoio aos pilotis e evitar grandes terraplanagens; mais uma vez, considerações funcionais e plásticas uniram-se para levar a um resultado notável. (YVES BRUAND, 1981, p. 233 apud ANDRADE, 2007, p.1)

O terreno destinado à implantação do Conjunto Habitacional Marques de São Vicente configura uma área de 114 mil metros quadrados, composta por topografia parte plana e parte bastante acidentada, a qual se estende morro abaixo, até atingir sessenta metros de desnível. A encosta está voltada para o Norte, à frente está o maciço do Corcovado e à esquerda, na face Oeste, o Morro Dois Irmãos; à direita a Lagoa Rodrigo de Freitas e ao fundo o mar, Praia do Leblon. (BONDUKI, 1999)

Das unidades e equipamentos sociais que faziam parte do projeto original apenas 328 unidades residenciais foram construídas. Executou-se apenas o bloco de 250 metros de comprimento implantado ao longo da curva de nível. (BONDUKI, 1998; ANDRADE, 2007)

Reidy, diante da previsão de uma avenida que ligasse o Leblon a Gávea, a qual cortaria o terreno, previu o rebaixamento da via, separando a circulação destinada aos veículos da destinada aos pedestres.



Figuras 10 e 11: Imagem de dois períodos relativos às obras de rebaixamento do terreno para passagem de avenida ligando o Leblon à Gávea. Fonte: BONDUKI, 1999.

Segundo Carmem Portinho a edificação do conjunto da Marques de São Vicente na Gávea erguido sob responsabilidade do Departamento de Habitação Popular, que ela coordenava, demorou muito mais tempo que a construção do Pedregulho, talvez por ser muito maior. Dos blocos que eram para ser construídos, apenas o curvo foi executado, como é hoje, assim mesmo com diversas interrupções. Neste período ela pediu sua aposentadoria por discordar das orientações sobre moradia popular que recebia do governo de Carlos Lacerda e logo depois Reidy também se aposentou, de modo que nada mais tiveram com o andamento da obra. O restante do projeto, ou seja, demais blocos, escola, mercadinho, toda a infraestrutura prevista foi suprimida. (PORTINHO, 1988 apud BONDUKI, 1999)

Parte do edifício foi recortada e algumas unidades residenciais foram eliminadas. Apesar das modificações o edifício encontra-se em razoável condição de conservação externa, situação melhor que a do Conjunto Habitacional Prefeito Mendes de Moraes, embora não haja registro de projetos de intervenções destinados à restauração do edifício. O conjunto foi tombado em 2001; pela Prefeitura da Cidade do Rio de Janeiro<sup>3</sup>. A alteração sofrida pela edificação é responsável pelas muitas queixas dos moradores em relação ao barulho decorrente do intenso tráfego viário, cuja imensa frota carioca, circula sob seus apartamentos. Vale mencionar que antes da construção do conjunto, seu terreno abrigava uma favela com aproximadamente 5.262 pessoas ocupando 955 barracos em péssimas condições de higiene, resultado da degradação progressiva de um Parque Proletário, projeto polêmico da Prefeitura do Rio de Janeiro decorrente de intervenções públicas nas comunidades.

O edifício construído foi ocupado por um grande número de funcionários públicos municipais e pouquíssimos moradores vieram da favela do Parque Proletário da Gávea, pois a demanda também era alimentada pelos remanescentes da venda ou desapropriação das vilas operárias da região e arredores.

### Referências e liberdade plástica latino americanas

Iniciando com a negação da ortogonalidade, definida por Conduru (2005), a produção de Reidy evolui

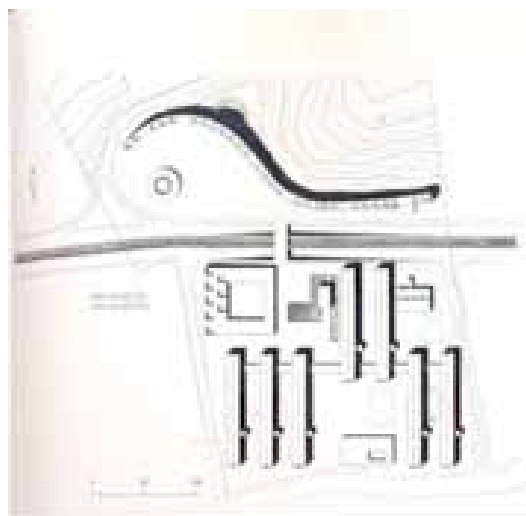
3. Prefeitura da Cidade do Rio de Janeiro – Bem Tombado pelo Conselho do Patrimônio Histórico, Arqueológico e Cultural da Cidade do Rio de Janeiro - Lei 3300/2001

propondo uma relação dialética do edifício projetado com a paisagem urbana, também estabelecendo relações com o sítio, através do respeito à topografia natural do terreno destinado a sua implantação como determinante da forma a ser edificada. Nesse sentido o Marquês pode ser considerado um ícone referencial da liberdade expressiva para a arquitetura Latino-Americana, tendo suas características plásticas de traçado sinuoso e flexível, revisitadas, cerca de uma década depois de sua conclusão no Brasil, por arquitetos consagrados, da América Latina, como o venezuelano Jimmy Alcock que projetou o edifício Residências Altolar, construído entre 1959 e 1962 na cidade de Caracas e novamente propostas e adotadas no Residencial El Monte em 1964, projetado pelo arquiteto norte-americano Edward L. Barnes em San Juan capital de Porto Rico. Tal liberdade foi identificada e definida por Ro-

berto Segre (1991) em seu livro que trata das raízes e perspectivas da arquitetura latino-americana:

[...] A persistente referência a Le Corbusier também incluía a vertente “plástica” das formas sinuosas contínuas utilizadas no Rio e em Argel. Larrabee Barnes, em San Juan de Porto Rico (Residencial El Monte), Affonso Reidy, no Rio de Janeiro (Conjunto Residencial de Pedregulho, 1947-52) e Jimmy Alcock, em Caracas (Residências Altolar, 1975), assumem uma relação mais dialética com o espaço urbano ou com a paisagem e a topografia, e desenvolvem esquemas curvos, sinuosos, mais flexíveis e personalizados, que coincidem com a característica liberdade expressiva latino-americana. (SEGRE, 1991, pg. 269)

Figuras 12, 13 E 14: Croquis das Implantações do C. R. Marquês de S. Vicente<sup>1</sup>, 1952 - Edifício Altolar, 1965 - Residências El Monte, 1964. Fonte: BONDUKI, 1999 - GAN, Alcock: Obras e Proyetos, 1959-1962 - The Cultural Landscape Foundation, in: <http://tclf.org/sites/default/files/landslide/2008/index.html>



Os três prédios têm em comum, além da unidade autônoma implantada em terreno urbano, propostas com princípios racionalistas Corbusianos de moradia mínima, explícitos na conceituação de seus partidos arquitetônicos. Longas lâminas verticais implantadas segundo os cálculos de insolação e ventilação naturais mais rígidos, constituídas por diversos pavimentos em lajes planas, entrecortadas por torres de circulação vertical para os moradores, estrategicamente posicionadas determinando percursos máximos de deslocamento interno compatíveis com os princípios determinados detalhadamente pela Carta de Atenas, além de prever equipamentos e serviços coletivos racionalizados e distribuídos proporcionalmente à estimativa prévia de população proposta para cada um dos edifícios em questão.

O primeiro dever do urbanismo é pôr-se de acordo com as necessidades fundamentais dos homens. A saúde de cada um depende, em grande parte, de sua submissão às "condições naturais". O sol, que comanda todo crescimento, deveria penetrar no interior de cada moradia, para espalhar seus raios, sem os quais a vida se estiola. O ar, cuja qualidade é assegurada pela presença da vegetação, deveria ser puro, livre da poeira em suspensão e dos gases nocivos. O espaço, enfim, deveria ser distribuído com liberalidade. Não nos esqueçamos de que a sensação de espaço é

de ordem psicofisiológica e que a estreiteza das ruas e o estrangulamento dos pátios criam uma atmosfera tão insalubre para o corpo quanto deprimente para o espírito. O 4o Congresso CIAM, realizado em Atenas, chegou ao seguinte postulado: o sol, a vegetação, o espaço são as três matérias-primas do urbanismo. A adesão a esse postulado permite julgar as coisas existentes e apreciar as novas propostas de um ponto de vista verdadeiramente humano. (CARTA DE ATENAS, 1933)

Toda a rigidez racional dos programas de necessidades adotados pelos três arquitetos em pauta, se contrapõe às soluções formais sinuosas e longilíneas, adotadas por eles como solução projetual, respeitando as condições particulares de topografia, apoiando suas edificações alinhadas às curvas de nível desenhadas pela configuração geológica e geográfica dos sítios nos quais foram implantados seus projetos em regiões extremas da América Latina, no caso dos dois primeiros estando um na região sudeste da América do Sul, no Rio de Janeiro e o outro, opostamente a noroeste do mesmo continente, na Venezuela e, o terceiro localizado na ilha de Porto Rico, ao norte da América Central; entretanto, todos resultando em propostas de intervenção, em suas respectivas paisagens urbanas, bastante assemelhadas, como se identifica pela observação das imagens produzidas pelos conjuntos arquitetônicos posicionados em suas geografias reais.





Figura 15: Residencial El Monte – 1964 (acima). Fonte: in: [http://3.bp.blogspot.com/\\_k8KDLFL1rB8/RlyMPIWCSII/AAAAAAAAAIw/1dZRyWJ0HA0/s1600-h/Larrabee5.jpg](http://3.bp.blogspot.com/_k8KDLFL1rB8/RlyMPIWCSII/AAAAAAAAAIw/1dZRyWJ0HA0/s1600-h/Larrabee5.jpg)  
Figura 16: Resid. Altolar -1962 (acima, à direita). Fonte: Alcock, Obras y Proyectos, 1959-1962



Figura17: Túnel Dois Irmãos, 19 (ao lado). Fonte: BONDUKI, 1999.



Figura 18: Circulação R. El Monte Fonte:in: [http://1.bp.blogspot.com/\\_k8KDLFL1rB8/Rlst-ZVWCsFI/AAAAAAAAAIY/UnM6CX042iw/s1600-h/Larrabee2.jpg](http://1.bp.blogspot.com/_k8KDLFL1rB8/Rlst-ZVWCsFI/AAAAAAAAAIY/UnM6CX042iw/s1600-h/Larrabee2.jpg)



Figura 19: Circulação Marquês de S. Vicente. Fonte: BONDUKI, 1999.



Figura 20: Circulação Residências Altolar. Fonte: in: <http://sancheztaffurarquitecto.wordpress.com/2010/09/30/w-james-jimmy-alcock-premio-nacional-de-arquitectura-1993-venezuela-arquitecto-venezolano/altolar-2/>



Figura 21: Circulação Marquês S. Vicente. Fonte: BONDUKI, 1999.

## Referências bibliográficas

**ANDRADE, J.** “Projeto APA- Arquitetura e Paisagem - Avaliação da inserção urbana no meio físico (CNPq). Subprojeto: Conjuntos residenciais sobre encostas; avaliação da utilização desta tipologia como solução habitacional no Morro da Cruz, Florianópolis, SC – Terceira parte”. Universidade Federal de Santa Catarina. Pró-reitora de Pesquisa e Pós-graduação. Departamento de apoio a pesquisa, Santa Catarina, Brasil, 2007. Disponível <[www.soniaa.arq.prof.ufsc.br/sonia/Relatorios2/jaqueline2007.pdf](http://www.soniaa.arq.prof.ufsc.br/sonia/Relatorios2/jaqueline2007.pdf)>, acessado em 04/09/2011.

**BENCLOWICZ, C. M.** *Prelúdio Modernista: construindo a habitação operária em São Paulo*. Dissertação de Mestrado. São Paulo: FAU-USP, 1989.

**BONDUKI, Nabil.G.** “Origens do problema da habitação popular em São Paulo 1886-1918”, in *Espaço & Debates*, São Paulo, n. 5, 1982.

\_\_\_\_\_. **(Org.)** *Affonso Eduardo Reidy*. Lisboa: Blau & Instituto Lina Bo e P.M. Bardi, 1999.

\_\_\_\_\_. *Origens da habitação social no Brasil: arquitetura moderna, lei do inquilinato e difusão da casa própria*. São Paulo: Estação Liberdade, 2004.

**BRUAND, Yves.** *A Arquitetura Contemporânea no Brasil*. São Paulo: Perspectiva, 1981.

**CARONE, E.** A evolução industrial de São Paulo (1889-1930). São Paulo: SENAC São Paulo, 2001. Carta de Atenas. In *Infopédia [Em linha]*. Porto: Porto Editora, 2003-2012. [Consult. 2012-05-30]. Disponível na www: <URL: [http://www.infopedia.pt/\\$carta-de-atenas](http://www.infopedia.pt/$carta-de-atenas)>.

**CONDURU, Roberto.** “Razão em Forma: Affonso Eduardo Reidy e o espaço arquitetônico moderno, 2005”. Revista de pesquisa em arquitetura e urbanismo. Programa de pós-graduação do departamento de arquitetura e urbanismo. EESC-USP. Disponível em <http://www.revista-susp.sibi.usp.br/pdf/risco/n2/03.pdf>, acessado em: 15/08/2011.

**CORREIA, T.B.** “Patrimônio Industrial e Agroindustrial no Brasil: a forma e a arquitetura dos conjuntos residenciais”. In: Segundo Seminário de Patrimônio Agroindustrial, 2010, São Carlos. Anais do Segundo Seminário de Patrimônio Agroindustrial. São Carlos: USP, 2010.

**DURAND, J. C.** *Negociação Política e renovação arquitetônica: Le Corbusier no Brasil*. São Paulo: RBCS. Anpocs, n. 16, jul. 1991.

**GALES, R.; CAMPOS NETO, C.M.** *Edifício Japurá: Pioneiro na aplicação do conceito de Unité d’Habitation de Le Corbusier no Brasil, 2002*. Disponível em <[www.vitruvius.com.br/revistas/read/arquitextos/03.031/724](http://www.vitruvius.com.br/revistas/read/arquitextos/03.031/724)>, acessado em 19/02/2011.

**GOMES, M. A. F.** *Urbanismo na América do Sul: circulação de ideias e constituição do campo, 1920-1960*. Salvador: EDUFBA, 2009.

**GONÇALVES, P. E. B.; REQUENA, W. A. P.** “Um século de transformações na habitação social do Brasil: Documentação e análise do Conjunto Residencial Marquês de São Vicente – RJ”. In: Seminário Ibero-Americano Arquitetura e Documentação, 2, 2011, Belo Horizonte. Anais digitais do Seminário Ibero-Americano Arquitetura e Documentação: Desafio e perspectivas. Belo Horizonte. Instituto de Estudos do Desenvolvimento Sustentável, 2011. Art. 133, p. 01-19.

**KOURY, A.P.; BONDUKI, N.G.; MANOEL, S.K.** “Análise tipológica da produção habitacional econômica no Brasil : 1930-1964”. In: 5º Seminário DOCOMOMO Brasil, 5, 2003, São Carlos. Anais do Quinto Seminário DOCOMOMO - Arquitetura e Urbanismo Modernos: Projeto e Preservação, disponível em: <http://www.docomomo.org.br/seminarios%205%20S%20Carlos%20sumario%20trabalhos.htm>

**LE CORBUSIER.** *A carta de Atenas*. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1993.

**LIMA, E.F.W.; MALEQUE, M.R. (org.)** *Espaço e cidade: Conceitos e leituras*. Rio de Janeiro: 7 Letras, 2007.

**MONTEIRO, M.** “Morrendo na praia, 2004”. Disponível em <[www.favelatemmemoria.com.br](http://www.favelatemmemoria.com.br)>, acessado em 19/09/2011.

**OLIVEIRA, F.** *O Estado e o urbano no Brasil*. FUNDAP, São Paulo: Mimeo, 1978.

**ROLNIK, Raquel.** *Cada um no seu lugar*. São Paulo. *Início da industrialização: Geografia do poder*. Dissertação de mestrado. Pós Graduação FAU-USP, São Paulo, 1981.

**SEGRE, Roberto.** *América Latina fim de milênio: Raízes e perspectivas de sua arquitetura*. São Paulo: Studio Nobel, 1991.

**SILVA, H.S.** *Arquitetura moderna para habitação popular: A apropriação dos espaços no Conjunto Residencial Mendes de Moraes (Pedregulho)*. 2006, 134f. Dissertação (Mestrado em Arquitetura e Urbanismo) – Programa de Pós Graduação em Arquitetura e Urbanismo da Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2006.

**STANCHI, R.P.** *Modernidade, mas nem tanto: O caso da vila operária da Fábrica Confiança, Rio de Janeiro, séculos XIX e XX – Rio de Janeiro*. 2008 199f. Dissertação de Mestrado em Arqueologia do Museu Nacional da Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2008.

